

Pré-história, história e contatos lingüísticos em Timor Leste

Davi Borges de Albuquerque*

Resumo: este artigo tem vários objetivos, entre eles: discutir algumas questões teóricas sobre o método histórico-comparativo e sua aplicação nos estudos das línguas de Timor Leste. Para tanto, após uma breve apresentação das línguas leste-timorenses e algumas considerações teóricas sobre a lingüística histórica (2), discutir-se-á sobre a pré-história (3) e o período histórico (4), assim como os diversos contatos lingüísticos ocorridos na ilha durante os períodos citados.

Abstract: this paper intends to discuss about some issues on historical-comparative method and its applications on the studies of East Timor languages. Therefore, a brief introduction on East Timor languages and some theoretical topics will be presented (2). Afterwards, it will be analyzed pre-history (3) and the historical period (4) emphasizing linguistic contact in Timor Island.

1. Introdução

Em um pequeno território localizado no sudeste asiático, aproximadamente 14.600 km², Timor Leste possui uma grande variedade de línguas nativas – cerca de 16 línguas, algumas com uma ampla variação dialetal – que são pertencentes a diferentes filiações genéticas, a saber: austronésicas e papuásicas. Além de um histórico de intenso contato com os povos vizinhos – árabes, chineses, indianos e malaios –, fazendo parte das rotas comerciais asiáticas, em um período anterior à chegada dos portugueses, provavelmente entre os séculos XII e XV, a ilha de Timor era povoada desde um período pré-histórico distante.

Os portugueses, que chegaram à ilha de Timor aproximadamente no ano de 1515, mantiveram seu domínio até o ano de 1974. Após a colonização portuguesa, Timor Leste foi invadido pela Indonésia e sofreu um período de extrema repressão que se estendeu até 1999. A realidade lingüística de Timor Leste, no entanto, é mais complexa

* Graduado em Letras-Português do Brasil como segunda língua pela UnB (Universidade de Brasília). Mestrando do PPGL (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) da UnB (Universidade de Brasília). Artigo escrito em Set/2009.

do que aparenta ser: a língua portuguesa e a língua tétum são línguas oficiais; a língua inglesa e a língua malaio – em sua variedade indonésia – são aceitas como línguas de trabalho; além das diversas línguas nativas que convivem entre si e também com as línguas maternas dos estrangeiros de diversas nacionalidades que trabalham nas entidades internacionais que lá atuam.

O objetivo deste artigo é tentar reunir as várias contribuições já feitas pelos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, com ênfase na lingüística histórica, para elaborar um conjunto mais homogêneo sobre o que se construiu (ou reconstruiu) sobre o passado de Timor Leste. Outro objetivo que se pretende alcançar é disponibilizar para a comunidade acadêmica em geral, especialmente os estudantes e, na medida do possível, para o povo timorense um breve compêndio sobre o que se sabe sobre seus antepassados.

Na seção seguinte, serão discutidas algumas características da lingüística histórica e as possíveis aplicações do método histórico-comparativo. Na seção (3) serão apresentadas as contribuições já feitas pelas diversas áreas do conhecimento em uma tentativa de reconstruir algumas informações sobre o passado timorense. Finalmente, na seção (4) as futuras e possíveis pesquisas que poderão ser realizadas em diferentes subáreas da lingüística serão discutidas seguidas por algumas observações de ordem conclusivas.

2. Lingüística Histórica: teoria, método e limitações

As línguas nativas de Timor Leste foram estudadas primeiramente por Capell (1943, 1944a, 1944b) e recentemente por Hull (1998, 2001b, 2004). Com os avanços de pesquisas e dos estudos lingüísticos pode-se afirmar com um certo grau de incerteza que o número de línguas nativas de Timor Leste são 16, sendo 12 línguas de origem austronésica e 4 línguas de origem papuásica¹.

As línguas timóricas (outra terminologia usada para as línguas nativas de Timor Leste de origem austronésica) são subdivididas a partir da proto-língua – o proto-timórico –

¹ Utilizo no presente artigo o número de Hull (1998, 2001b) pelo fato deste ser mais acurado lingüisticamente, pois o autor conduziu uma pesquisa durante um longo período nas diversas línguas aqui citadas. Outras fontes fornecem um número diferente de línguas, entre elas Fox (2000) e a mais nova edição do *Ethnologue* (Lewis, 2009) apresenta um número de 18 línguas, porém a presença e ausência de algumas línguas diferem daquelas mencionadas aqui.

em dois sub-agrupamentos (o Fabrônico e o Ramelaico) e estes se ramificam ainda mais, de acordo com a localidade geográfica da língua, conforme o seguinte esquema:

- Sub-grupo Fabrônico:
 - Central:
 - Bekais
 - Tétum (Tétum-Praça²)
 - Setentrional:
 - Habun
 - Kawaimina³
 - Makuva
 - Oriental:
 - Galolen
 - Wetarês > Ataúro

- Sub-Grupo Ramelaico:
 - Ocidental:
 - Tokodede
 - Kemak
 - Central:
 - Mambae
 - Oriental:
 - Idalaka > Lolein

As línguas papuásicas são classificadas como pertencentes ao agrupamento Trans-Nova-Guiné e possuem um ancestral comum, que seria o proto-bomberaico, nome dado

² De acordo com a constituição da República Democrática de Timor Leste a língua portuguesa e a língua tétum são línguas oficiais. A língua tétum possui três dialetos, a saber: o tétum-térik, o tétum-belo e o tétum-praça. O tétum-térik é falado mais no interior e é uma das línguas de Timor Leste que sofreu menos influência dos contatos; o tétum-belo é falado na fronteira com a Indonésia e apresenta uma forte influência da língua malaio; o tétum-praça já era utilizado como língua franca em um período anterior a chegada dos portugueses e, posteriormente, sofreu uma forte influência deste. Ainda, é a variedade tétum-praça que é reconhecido como língua oficial.

³ *Kawaimina* é um acrônimo para o complexo dialetal: Kairui, Waimaha, Midiki e Nauete.

A lingüística histórica é, atualmente, um ramo da lingüística que possui o objetivo de estudar os estágios anteriores das línguas. Estudar estágios anteriores das línguas, porém, pode significar muitas coisas. Os objetivos específicos que estão relacionados com o estudo dos estágios anteriores das línguas são: entender as mudanças lingüísticas ocorridas em uma dada língua, identificar parentescos e filiações genéticas entre as línguas, verificar a regularidade das mudanças fonológicas, e, acima de tudo, procurar uma teoria das mudanças lingüísticas.

O método que a lingüística histórica utiliza para alcançar seus objetivos é o método histórico-comparativo. Este método vem sendo testado e desenvolvido por lingüistas durante mais de dois séculos e na história da lingüística muitas vezes confunde-se com a própria ciência das línguas, já que durante o século XIX a única abordagem aceita para se estudar línguas era a histórica⁵.

O método histórico-comparativo é um dos métodos mais viáveis que há para se conhecer o passado de um povo, já que ele possui um paradigma científico confiável, que se manteve no decorrer da história da lingüística; o objeto de estudo (as línguas faladas na atualidade) e os meios de análise (as mudanças fonológicas e a reconstrução lingüística) são relativamente simples quando em comparação com as demais áreas do conhecimento que também estudam o passado, como a arqueologia que necessita de amplo investimento para escavações e a efetuação de técnicas laboratoriais – principalmente o carbono 14 – para a datação dos resquícios achados, ou a história que precisa de um conjunto de registros escritos para efetuar suas interpretações; também a lingüística histórica é a única ciência que, através da reconstrução lingüística, consegue obter um grande número de informações sobre a cultura material e imaterial de um determinado povo. Mesmo com todas suas vantagens, o método histórico-comparativo, porém, também tem suas limitações e não consegue reconstruir toda pré-história de um povo e de sua língua. Discussões teóricas e empíricas já foram apresentadas e conseguem apontar as seguintes limitações desse método: a limitação temporal, a

⁵ Sobre o desenvolvimento da lingüística histórica e do método histórico-comparativo em seus diferentes estágios, como o Neogramáticos, os estudos de Meillet, entre outros, remeto o leitor a Antilla (1972) e Bynon (1970).

limitação sócio-histórica, a limitação dos níveis lingüísticos e a limitação de parentesco⁶.

A limitação temporal consiste no argumento apresentado por alguns lingüistas que o método comparativo tem uma profundidade temporal de 8000-10.000 anos. Nichols (1992: 3) afirma que essas são as datações mais antigas que o método histórico-comparativo consegue contemplar. Ainda não há, porém, um método seguro para se fazer datações exatas das reconstruções lingüísticas, o que somente pode ser afirmado com um maior grau de certeza é que quanto maior for a profundidade temporal, menor será a regularidade das mudanças lingüísticas.

A limitação sócio-histórica consiste na limitação do método comparativo quando aplicado a um grande aglomerado lingüístico. O lingüista ao se utilizar desse método acaba não conseguindo explicar as mudanças lingüísticas que ocorreram da proto-língua para as “línguas filhas” e também não consegue identificar as correspondências sonoras entre as línguas da mesma família. Um exemplo foi o estudo elaborado por Grace (1990) sobre o agrupamento das línguas do Sudeste da Nova Caledônia, especificamente Canala e Grand Couli. As correspondências sonoras achadas entre as duas línguas eram na casa das centenas, o que poderia ser um forte argumento contra a regularidade das mudanças sonoras. A hipótese trabalhada, porém, foi que a situação sociolingüística no Sul da Nova Caledônia era complexa: o casamento entre pessoas de comunidades falantes de línguas distintas era um fato comum, o que gerou um conjunto de línguas mistas, que o método comparativo não consegue contemplar.

Um caso em Timor Leste é a língua Makuva. Esta língua austronésica foi inserida em Timor Leste tardiamente – após as migrações e conseqüente inserção das demais línguas austronésicas (Hull & Branco, 2003) – na região falante de Fataluku. Ainda, essa comunidade aparenta ter sofrido uma ‘mudança de código’, abandonando o Makuva para falar Fataluku; houve intenso contato com as línguas papuásicas da região e com o complexo dialetal Kawaimina, falado na região (Engelenhoven 2009a, 2009b). Esses diversos fatores fazem com que o Makuva apresente irregularidade nas mudanças fonéticas do Proto-Malaio-Polinésio (PMP) para seu estágio atual, como em:

⁶ Para uma discussão ampla dos objetivos e limitações do método histórico-comparativo, ver Harrison (2004).

*t > k

PMP ***batu** ‘pedra’ Mk. hako

PMP ***takut** ‘temer’ Mk. nkaku

*s > t

PMP *(z)**asu** ‘cão’ Mk. ato

PMP ***tasik** ‘mar’ Mk. kate

A limitação dos níveis lingüísticos e a limitação de parentesco consistem em fatores que dependem da escolha do lingüista e, desta forma, aumentam o grau de arbitrariedade desses constructos teóricos. A limitação dos níveis lingüísticos ocorre quando o lingüista faz a seleção dos seus dados a serem reconstruídos, e qual nível lingüístico será sua base de reconstrução, na maioria dos casos o nível lingüístico escolhido é o fonológico, seguido do léxico. Outros níveis lingüísticos, como a morfologia e a sintaxe, acabam por gerar discussões teóricas sobre a possibilidade, ou não, de serem reconstruídas tais propriedades lingüísticas e o grau de confiabilidade das reconstruções dos padrões desses níveis lingüísticos (Gildea, 1998). Já o limite de parentesco consiste em como é determinada a classificação interna de uma família. A classificação interna de uma família lingüística é baseada apenas nos conceitos de retenções e inovações lingüísticas. As línguas que compartilham um conjunto de retenções lingüísticas da proto-língua – sejam elas retenções fonológicas, morfológicas, lexicais – são agrupadas como “línguas irmãs”, ou línguas próximas. Já as línguas que compartilham certo número de inovações – também fonológicas, morfológicas, lexicais – em relação à proto-língua são agrupadas próximas. Mas quais retenções, ou inovações, são escolhidas como parâmetros para a classificação interna ficam a critério do lingüista. Um exemplo de inovação lingüística usado para a classificação interna das línguas timóricas foi utilizado por Hull (1998, 2001b) para separar o sub-grupo ramelaico. Este sub-grupo é constituído pelas línguas Mambae, Tokodede, Kemak e Idalaka.

As inovações lingüísticas desse grupo são nos níveis lingüísticos: fonológico e lexical. A seguir, daremos, porém, somente alguns exemplos ilustrativos das inovações fonológicas que as línguas ramelaicas – Mambae, Tokodede e Kemak – tiveram em relação ao proto-Austronésio:

Mb. Mambae

Tk. Tokodede

Km. Kemak

- O ***b** que pode ser reconstruído para o proto-Austronésio, manteve-se em algumas línguas Timóricas e mudou para /h/:

***babuy** Mb. Haeh ‘porco’; ***batu** Mb. Hat ‘pedra’; ***bahi** Mb. Hin ‘mulher’;

***benSiq** Mb. Hina Km. Hini ‘semente’; ***bulaN** Mb. Hula Km. Hula ‘lua’;

- A oclusiva velar surda ***k** em algumas línguas Timóricas manteve-se, mas nas línguas ramelaicas transformou-se na oclusiva glotal /‘/:

***puki** Mb. Fu’in ‘vagina’; ***lakaw** Tk. La’a ‘ir’; ***leka** Tk. Lo’e Km. La’e

‘abrir’; ***panakaw** Tk. Mna’o Km. Pana’o ‘roubar’.

Logo, como vimos o método histórico-comparativo possui suas limitações, assim como já foi analisado por vários teóricos. Esse método, porém, vem se demonstrando o mais eficaz para se recuperar informações sobre o passado pré-histórico do povo timorense, de acordo com trabalhos mais recentes elaborados por Hull (1998, 2001b, 2004). Outro fator notável, é que esse método recupera não apenas informações sobre o passado das línguas, mas também informações sobre a cultura material e imaterial do proto-povo falante da língua reconstruída⁷.

⁷ O presente artigo não tem o objetivo de apresentar a estrutura do método histórico-comparativo, nem sua constituição. Para um melhor entendimento do que se constitui esse método e como se faz a atividade da lingüística histórica, ver Crowley (1994) e Hock (1991).

3. Pré-história e contatos lingüísticos

As pesquisas arqueológicas realizadas em Timor Leste revelaram que esta ilha já era ocupada em um período entre 35.000 A.P.⁸ e 30.000 A.P. (O'Connor, Spriggs & Veth, 2002). Outras evidências baseadas na análise da tecnologia náutica, na pesca e na presença de animais conseguiram trazer datações mais específicas sobre as migrações que ocorreram no passado. Por exemplo, a datação de alguns artefatos encontrados utilizados para pesca, como anzóis, entre outros, foi de 10.000 A.P. (O'Connor & Veth, 2005), e remete ao uso dessa tecnologia de pesca anterior ao povo austronésio (que desenvolveu essa tecnologia em um período posterior), e a presença de um marsupial originário da Papua que data 9.000 A.P. (O'Connor, 2006) também é outra evidência da presença da ocupação humana em Timor Leste de povos de origem não-austronésicos, assim como essas informações são evidências para a datação da migração austronésica para a ilha.

Todavia a arqueologia na atualidade ainda possui muitas questões a serem respondidas, principalmente sobre o período da inserção da agricultura em Timor Leste. Algumas datações remetem a um período entre 4.000 A.P. e 3.500 A.P. Entretanto, não foram encontrados resíduos macro-botânicos significativos que apontem para a atividade de agricultura, somente a presença de cerâmica e artefatos neolíticos (Oliveira, 2006: 95).

Já as informações que a lingüística traz são diferentes das apresentadas pela arqueologia. As evidências lingüísticas mostram que o povo que deu origem as línguas Timóricas chegou à ilha provavelmente no rio de Laleia, no distrito de Manatuto, cerca de um milênio atrás e são originários da região onde estão localizadas as ilhas Muna, Butão e Tukang Besi, mais especificamente sudeste das ilhas Celebes.

As línguas Timóricas são descendentes de uma única língua, o Proto-Timórico, e os processos que geraram as diversas línguas Timóricas modernas e suas respectivas reestruturações gramaticais⁹ aconteceram num período histórico mais recente, por volta

⁸ A.P. sigla de 'antes do presente'.

⁹ Utilizo aqui o termo 'reestruturação gramatical' baseado na bibliografia da crioulística (Thomason & Kaufman, 1988; Holm, 1988, 1989) e na pesquisa recente que venho realizando sobre os contatos lingüísticos em Timor Leste. Já Hull (1998, 2001b) e outros lingüistas australianos que estudam essas mesmas línguas insistem em chamar esse fenômeno de 'crioulização'.

do século XII e, depois, no século XV (Hull, 2001b: 100). Como esse período já faz parte do período histórico, esses processos serão explicados mais adiante.

A lingüística acaba por se diferenciar da arqueologia em suas evidências quanto ao povoamento pré-histórico de Timor Leste. Essas evidências estão presentes nas línguas papuásicas, a saber: Fataluku, Makalero, Makasae e Bunak, e no sub-grupo Ramelaico – Mambae, Tokodede, Kemak e Idalaka– das línguas Timóricas.

As línguas papuásicas têm uma origem e uma filiação genética com as línguas faladas na península Bomberaica da Papua Ocidental, e o povo falante da língua bomberaica que as originou parece ter migrado para o Timor cerca de 2000 a.C. A análise dos cognatos dessas línguas papuásicas (Hull, 2004: 28) indicam que elas possuem um ancestral comum, ou seja, somente um povo falante de uma só língua papuásica que migrou cerca de quatro mil anos atrás para o Timor. As línguas Ramelaicas, porém, apresentam outro substrato que indica a presença de línguas pré-austronésicas, e, conseqüentemente, a presença de um povo pré-austronésico anterior ao povo neo-bomberaico que inseriu a língua papuásica que se fragmentou e gerou as quatro línguas conhecidas na atualidade.

As línguas Ramelaicas, Mambae, Tokodede, Kemak e Idalaka, originaram-se de um provável Idalaka Antigo. Esse grupo de línguas merece destaque por ter uma natureza híbrida. Essas línguas são também chamadas de semi-austronésicas por possuir apenas superficialmente alguns elementos austronésicos, quando na realidade elas possuem três substratos distintos, o que leva a crer que na região do Monte Ramelau, antes de ser introduzido o Idalaka, ali eram faladas três línguas pré-austronésicas distintas (Hull, 2001a: 4).

Dessa forma, através da análise dos cognatos das diferentes línguas identificou-se a presença de mais de um povo pré-austronésico que habitou primeiramente a região e efetuou-se um primeiro contato com o povo papuásico recém-chegado, por volta de 4.000 A. P.; posteriormente com a migração austronésica houve diversos contatos destes com os povos papuásicos, já dispersos pelo território, e com os povos pré-austronésicos de que se conhece quase nada.

4. O período histórico de Timor Leste

O período histórico de Timor pode ser dividido em duas fases: uma anterior à chegada dos colonizadores – holandeses e portugueses – e outra de dominação européia, seja ela holandesa ou portuguesa. No período anterior à chegada dos portugueses, existem alguns documentos e outras informações que possibilitam a realização de pesquisas. Nesse período, ainda, destacam-se as rotas comerciais e as sucessivas dominações e influências das sociedades indianas e malaias, e do reino islâmico. As pesquisas lingüísticas sobre esse período são poucas, mas alcançam conclusões significativas, como será comentado mais adiante.

A sociedade com maior profundidade temporal que influenciou o sudeste asiático foi a sociedade indiana. Sua influência data dos primeiros séculos da nossa era, a partir desse período algumas sociedades com base indiana começaram a se formar em Camboja, por volta do século III, Samatra, a partir do século VII, e Java no século XIII. A influência indiana nessas sociedades foi marcada pela inserção de bens culturais materiais – toda uma herança tecnológica que essa sociedade possuía – e, principalmente, de bens culturais imateriais como a inserção das religiões budista e hindu, e de diversas influências na área das artes: na literatura, na arquitetura, na pintura, que podem ser vistas até a atualidade nessas sociedades.

O Timor Leste teve contato com esses reinos indianizados, pois há vários registros históricos que citam a ilha de Timor, assim como o interesse comercial desses reinos no sândalo branco dessa ilha. Tais contatos, porém, parecem ter sido irregulares, pois as influências culturais e lingüísticas de origem indiana no Timor são poucas. Culturalmente, apenas a região de Suai parece ter sofrido uma influência maior com alguns traços indianos em motivos arquitetônicos, na literatura oral e nas danças (Thomaz, 2002: 78). Linguisticamente, a influência indiana é irrisória já que há somente em Tétum, e também no português falado em Timor Leste, poucas palavras do sânscrito, ou de outras línguas indianas. Ainda, esses empréstimos de origem indiana na língua Tétum e no português falado em Timor foram introduzidos via língua malaia, ou via algum português crioulo do sudeste asiático – o *papiá kristang*, ou português crioulo de Macau. A seguir encontram-se alguns exemplos desses empréstimos (Esperança, 2001: 41; Thomaz, 1995: 165):

- *jagra* ‘um tipo de açúcar mascavo’ do malayalam *chákkara*;
- *jaka* (português *jaca*) ‘fruto comestível’ também de origem do malayalam *chákká*;
- *mainato* ‘lavadeiro, criado’ também do malayalam *mainattu*;
- *pardau* ‘padrão de valor de búfalos’ do sânscrito *pratâpa* ‘calor ardente, brilho’, por extensão semântica passou a denominar uma moeda da Índia e, posteriormente, também por extensão semântica, termo usado para designar o valor de um búfalo;
- *sarón* ‘espécie de saia’ do sânscrito *saranga* ‘vestido’, via malaio *sarong*;
- *topaz* ‘mestiço, nativo assimilado a cultura portuguesa’ do dravídico *tuppâsi*.

A maior influência que aparece nas línguas e na cultura timorense é originária dos povos falantes da língua malaio. Como foi apresentado anteriormente, durante um período de aproximadamente quinhentos anos, por volta do século VIII até o século XIII, o reino indianizado de Java dominou o comércio nos mares do sudeste asiático. No final do século XIII, porém, o reino Jau de Majahapit, localizado em Java Oriental, inicia uma investida ao reino de Çrî Vijaya e assume o controle das rotas comerciais (Thomaz, 1994: 547). No entanto, um pouco depois já entra em decadência, no século XV, e, então, Malaca começa, paulatinamente a assumir o controle dessa área do sudeste asiático para posteriormente, em 1511, ser dominado por Afonso de Albuquerque (Loureiro, 1995: 30).

Essa hegemonia de Malaca é que merece destaque para nós, pois foi a partir de Malaca que se difundiu a religião hindu, a língua malaia e outros traços culturais nesta parte do mundo. Contudo, para o Timor Leste a influência malaia parece ter vindo também da parte indonésia da ilha, ou seja, Timor Leste durante esse período histórico recebeu influências da cultura malaia graças às relações comerciais com Malaca e também pela sua proximidade com a sociedade de cultura malaia que habitava a parte oeste da ilha (Lobato, 2004a: 356)

A importância dos árabes no processo histórico do sudeste asiático é fundamental, mas quando falamos de uma influência árabe em Timor, e em um processo histórico timorense, pouco, ou quase nada, sobre os árabes há para ser dito, somente algumas informações pontuais. Há evidências da circulação dos árabes pelos mares do sudeste

asiático já no século VIII, posteriormente começa a aparição de pequenos reinos, e, finalmente, a adoção do islamismo pelo grande sultão de Malaca (Thomaz, 2002: 83). Em Timor, há registros de que no século XVII muçulmanos do reino de Macassar povoaram uma região de Manatuto, e alguns timorenses converteram-se ao islamismo, e lutaram contra os portugueses ao lado dos árabes. Não há influência alguma no Timor Leste de origem árabe que seja digna de nota, seja influência de natureza cultural, ou de natureza lingüística.

Finalmente, o último povo que nos interessa aqui nesse processo histórico do sudeste asiático que envolve o Timor Leste são os chineses. O primeiro fato digno de nota sobre o império chinês da época é que os primeiros registros escritos que fazem referência ao Timor parecem que são de origem chinesa. Em Eccles (2004: 178), o autor faz uma análise das documentações de origem chinesa que fazem referência ao Timor. As documentações são as seguintes:

- *Registro das várias Nações Estrangeiras*¹⁰ de Zhao Rugua que data do século 13;
- *Breve Registro das Nações das Ilhas* de Wang Dayuan do ano de 1349;
- *Investigações dos Oceanos Orientais e Ocidentais* de Zhang Xie do ano de 1617.

A obra de Zhao Rugua provavelmente é um dos primeiros documentos escritos a fazer referência ao Timor. Ele faz uma descrição das várias nações da rota comercial asiática, entre elas Timor Leste, e as várias ilhas que fazem parte da Indonésia atualmente, com o intuito de registrar o que há de vantajoso nas relações comerciais com esses povos, como são os costumes desses mesmos povos e quais são os produtos que podem ser achados em cada território. O registro deixado por Wang Dayuan, no ano de 1349, pouco tem a nos dizer sobre o Timor. Ele apenas elenca algumas características relevantes de interesse ao império chinês, e ao se referir ao povo e aos costumes timorenses faz somente afirmações de natureza pejorativa e preconceituosas. O documento legado a nós por Zhang Xie em 1617, consiste em uma reunião do conhecimento dos navegantes chineses sobre o sudeste asiático, que mesmo com o

¹⁰ As traduções dos títulos originais chineses são apenas tentativas de minha autoria, já que não há traduções desses documentos para a língua portuguesa.

fechamento da China e a proibição de viagens pelos mares, continuavam a negociar com os vários povos nativos que aqui habitavam¹¹.

Anteriormente, foram apresentadas as diversas e possíveis influências na formação do povo, da cultura e das línguas timorenses. A seguir, serão discutidas as ondas migratórias que culminaram no processo de reestruturação gramatical que as línguas nativas de Timor Leste sofreram.

O principal deles é apontado por Hull (2001a: 100) como duas ondas sucessivas de migrações em massa para o Timor Leste em um intervalo de tempo relativamente pequeno. O autor afirma que a primeira onda de migração ocorreu provavelmente no século XIII com a introdução do *Ambonês Antigo*, uma proto-língua que teve um intenso contato com as línguas que já eram faladas nesta ilha: as línguas austronésicas que foram introduzidas através das migrações das Celebes e as línguas não-austronésicas que datam um período pré-histórico. A segunda onda de migração foi da língua Malaio que foi introduzida com os comerciantes, provavelmente no século XV, que navegavam as rotas comerciais asiáticas. Nesse período, a língua Malaio sofreu um processo de crioulização – essa variedade chamada de *Bazar Malay* – e tornou-se a língua franca de grande parte do sudeste asiático, pois era a língua usada nas relações comerciais, e também foi uma língua regional de troca. Segundo Hull (2001a: 101), essas duas ondas migratórias acabaram por fazer com que as línguas nativas do Timor Leste sofressem um processo de crioulização intenso e em um curto tempo.

Os portugueses chegaram à ilha de Timor em 1515. Não se estabeleceram na ilha de maneira adequada pelos seguintes fatores: as atividades comerciais em Malaca eram mais rentáveis, e a ilha de Solor também tinha o sândalo branco da ilha de Timor e era mais eficaz para os portugueses extraí-lo de Solor. Entre os motivos pelos quais era melhor para os portugueses explorar Solor, destaca-se o fator que os portugueses já haviam montado estabelecimentos nessa ilha, principalmente a fortaleza de Ende, que posteriormente foi dominada pelos holandeses (Lobato, 2000b: 364).

A maioria dos régulos timorenses aceitou pacificamente o batismo – a conversão ao catolicismo – e o domínio português. Houve alguns régulos, porém, que se rebelaram e

¹¹ A análise aqui apresentada é apenas um breve resumo do que Eccles (2004: 198) apresentou em seu artigo.

outros que se aliaram aos holandeses, o que fez com que Portugal fizesse alianças com os reinos fiéis à coroa portuguesa para acabar com esses reinos rebeldes (Lobato, 2000b: 93). Portugal passou a lutar mais pelo território timorense no século XVI por ter perdido a ilha de Solor e o sultanato de Malaca para os holandeses, que também tinham interesse em Timor. Os sucessivos embates e as constantes disputas entre portugueses e holandeses veio a cessar temporariamente somente com o Tratado de 1661 que fixou os limites portugueses e holandeses (Oliveira, 2004: 122). O apoio, porém, da Holanda aos reinos rebeldes, principalmente no lado oeste da ilha de Timor, e os diversos combates com Portugal continuaram durante os séculos seguintes.

Os portugueses como se instalaram em diversos territórios pela Ásia: Goa, Macau, Malaca, e em várias ilhas da Insulíndia, além do Timor Leste, tiveram intenso contato com os diferentes povos que habitavam essas regiões, assim como tiveram contato com as diversas culturas e as várias línguas faladas por esses povos. Desta forma, esse contato fez com que fossem gerados vários crioulos de base portuguesa, entre eles: o *papiá kristang* (crioulo da Malásia), o *patuá* (crioulo de Macau) e o português crioulo de Bidau, em Díli¹².

Ainda, é digno de nota o grande número de empréstimos lingüísticos de origem portuguesa nas demais línguas nativas timorenses. Um estudo sistemático desses empréstimos precisa ser realizado, mas pode-se perceber que a maioria desses empréstimos são de elementos culturais que não pertenciam à cultura dos povos nativos, como: cadeira, carro, café, chá, catequese, governador, livro, xícara etc. Ou seja, itens da cultura material e imaterial (principalmente referente à religião católica), e vocabulário jurídico-administrativo. Esses empréstimos provavelmente não vieram diretamente da língua portuguesa, já que ela era – e ainda é – falada com maior fluência apenas por uma pequena parcela da população timorense. Desta forma, os empréstimos de origem portuguesa devem ter entrado nas línguas nativas via Tétum.

Finalmente, a mudança da capital de Lifau para Díli, em 1769, pode ter contribuído ainda mais para o processo de criouliização do Tétum, já que essa região era falante de Mambae. Um estudo sistemático da influência da língua Mambae como um substrato do

¹² Para uma descrição gramatical desses crioulos, ver: Baxter (1988) para o *papiá kristang*, Charpentier (1992) para o *patuá* e Baxter (1990) para o português crioulo de Bidau.

Tétum-Praça, porém, ainda precisa ser feito, algumas influências de ordem fonológicas são claras, mas em relação aos demais níveis de análise lingüística – morfologia, sintaxe, léxico – não é possível afirmar nada com muita certeza.

5. Considerações finais

De acordo com o que foi exposto anteriormente, a lingüística histórica não é o único ramo do conhecimento que estuda de alguma maneira o passado. Outras áreas do saber, como a história e a arqueologia, também o fazem, porém utilizam outras metodologias e realizam outro tipo de recorte do objeto estudado.

A lingüística histórica, com o método histórico-comparativo, destaca-se dessas áreas por apresentar uma metodologia relativamente simples, quando se trata de recursos financeiros e tecnológicos, necessitando apenas do trabalho do lingüista e de descrições gramaticais das línguas a serem estudadas. Desta maneira, esse ramo da lingüística torna-se uma das alternativas mais viáveis, para países em vias desenvolvimento, para se conhecer a respeito do passado de um povo, assim como é o ramo da ciência mais acurado que pode trazer a luz informações sobre os estágios anteriores das línguas dos povos estudados.

Sobre o passado de Timor Leste, a aplicação do método histórico-comparativo, ainda que incipiente, foi realizada somente pelo lingüista australiano Geoffrey Hull nas obras citadas neste artigo (Hull, 1998, 2001a, 2001b, 2004), revelou diversas informações sobre migrações dos povos, contatos lingüísticos, filiação genética e classificação interna das línguas.

Assim, as informações que se sabe até o presente das línguas de Timor Leste são a presença de povos pré-austronésicos, que foi revelado pela presença de substratos não identificados nas línguas Mambae, Tokodede e Kemak; a datação da migração do povo papuásico por volta de 4.000 A. P. da península Bomberaica da Papua Nova Guiné e falante de uma só língua que originou as demais – Fataluku, Makalero, Makasae e Bunak; a migração austronésica ser mais recente e sofrer um intenso contato com os povos ambônicos e povos de cultura malaia o que gerou a reestruturação gramatical de grande parte das línguas leste-timorenses simplificando várias estruturas morfológicas.

Logo, pode ser observado que com os estudos de lingüística histórica, ainda que em seus estágios iniciais, já revelou uma série de informações importantes para a ciência e um conjunto de conhecimentos sobre os povos antepassados da população de Timor Leste e sua origem, o que se mostra, então, uma grande contribuição para as ciências e para o próprio povo saber mais sobre o seu passado. Logo, não sabemos ainda o que a lingüística histórica nos tem a revelar sobre os estágios anteriores das línguas e da cultura – material e imaterial – dos antepassados da humanidade.

6. Referências bibliográficas

- ANTILLA, R. *An Introduction to Historical and Comparative Linguistics*. New York: Macmillan, 1972.
- BAXTER, A. *A Grammar of Kristang (Malacca Creole Portuguese)*. Canberra: Pacific Linguistics, 1988.
- _____. “Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor”. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5, n.1, 1990. p. 1-38.
- BYNON, T. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- CAPELL, A. “People and Languages of Timor”. *Oceania*, v.14, n.3, 1943. p. 191-219.
- _____. “People and Languages of Timor”. *Oceania*, v.14, n.4, 1944a. p. 311-337.
- _____. “People and Languages of Timor”. *Oceania*, v.15, n.1, 1944b. p. 19-48.
- CHARPENTIER, J.-M. “La Survivance du Créole Portugais *Makaísta* in Extrême-Orient”. ANDRADE, E.; KHIM, A. (orgs.). *Actas do Colóquio sobre “Crioulos de Base Lexical Portuguesa”*. Lisboa: Colibri, 1992. p.81-95.
- CROWLEY, T. *An Introduction to Historical Linguistics*. Second Edition. Auckland: Oxford University Press, 1994.
- ECCLES, L. “Early Chinese accounts of Timor”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.6, 2004. p. 178-187.
- ENGELHOFEN, A. “The position of Makuva among the Austronesian languages in East Timor and Southwest Maluku”. In: Adelaar, K. A.; Pawley, A. (eds.). *Austronesian historical linguistics and culture history: a festschrift for Bob Blust*. Canberra: Pacific Linguistics, 2009a. p. 411-428.
- _____. “On derivational processes in Fataluku, a non-Austronesian language in East Timor”. In: WETZELS, L. (ed.). *The Linguistics of Endangered Languages*. Contributions to Morphology and Morphosyntax. Utrecht: LOT, 2009b. p. 333-362.
- FOX, J. “Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor”. In: FOX, J. J.; SOARES, D. B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p. 1-27.

- GILDEA, S. *On Reconstructing Grammar*. Comparative Cariban Morphosyntax. Oxford University Press, 1998.
- GRACE, G. W. “The “aberrant” versus “exemplary” Melanesian languages”. In: BALDI, P. (ed.). *Linguistic Change and Reconstruction Methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990. p. 155-73.
- HARRISON, S. P. “On the Limits of the Comparative Method”. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.
- HOCK, H. H. *Principles of Historical Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- HOLM, J. *Pidgins and Creoles*. Vol. 1. Cambridge: CUP, 1988.
- _____. *Pidgins and Creoles*. Vol. 2. Cambridge: CUP, 1989.
- HULL, G. “The Basic Lexical Affinities of Timor’s Austronesian Languages: A Preliminary Investigation”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.1, 1998. p. 97-202.
- _____. “O Mapa Lingüístico de Timor Leste: Uma Orientação Dialectológica”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4, 2001a. p 1-19.
- _____. “A Morphological overview of the Timoric Sprachbund”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.4. 2001b. p. 98-205.
- _____. “The Papuan Languages of Timor”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.6, 2004. p. 23 -100.
- HULL, G.; BRANCO, S. J. “O Enigma da Língua Macuva”. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v.5, 2003. p. 107-134.
- LEWIS, P. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*, Sixteenth edition. Dallas: SIL International, 2009. Versão online: <http://www.ethnologue.com/>.
- LOBATO, M. “Malaca”. In: *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Vol.I Tomo II. Lisboa: Fundação Oriente, 2000a. p. 13-74.
- _____. “Timor”. In: *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. Vol.I Tomo II. Lisboa: Fundação Oriente, 2000b. p. 349-374.
- LOUREIRO, R. M. “Os Portugueses em Timor – relance histórico”. In: *Onde Nasce o Sândalo: Os Portugueses em Timor nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1995. p. 29-44.
- NICHOLS, J. *Linguistic Diversity in Space and Time*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- O’ CONNOR, S. “Unpacking the Island Southeast Asian Neolithic Cultural Package, and Finding Local Complexity”. I. C. GLOVER; E. A. BACUS & V. C. PIGOTT (eds.). *Uncovering Southeast Asia's Past. Selected Papers from the 10th International Conference of the European Association of Southeast Asian Archaeologists*. Cingapura: National University of Singapore, 2006. p. 74-87.

O'CONNOR, S.; VETH, P. "Early Holocene shell fish hooks from Lene Hara Cave, East Timor establish complex fishing technology was in use in Island Southeast Asia five thousand years before Austronesian settlement". *Antiquity*, v.79, 2005. p. 1-8.

O'CONNOR, S; SPRIGGS, M.; VETH, P. "Excavation at Lene Hara Cave establishes occupation in East Timor at least 30,000–35,000 years ago". *Antiquity*, v.76, 2002. p. 45-50.

OLIVEIRA, L. *Timor na História de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Fundação Oriente, 2004.

OLIVEIRA, N. V. "Returning to East Timor: Prospects and Possibilities from an Archaeobotanical Project in the New Country". *Uncovering Southeast Asia's Past. Selected Papers from the 10th International Conference of the European Association of Southeast Asian Archaeologists*. Cingapura: National University of Singapore, 2006. p. 88-97.

THOMASON, S. G.; KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkley/Los Angeles: University of California Press, 1988.

THOMAZ, L. F. F. R. *De Ceuta a Timor*. Carnaxide: Difel, 1994.

_____. "Elementos para um glossário luso-timorense". In: *Onde Nasce o Sândalo: Os Portugueses em Timor nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995. p. 157-179.

_____. *Babel Loro Sa'e: O Problema Lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.